



EDUCADORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPASSES, AVANÇOS E DESAFIOS

Andréa Evelyn Viana Sampaio Targino de Almeida ¹

Ana Sofia Menezes Mendonça ²

Anna Isabelle Teles Farias ³

Carine Valéria Mendes dos Santos ⁴

RESUMO

A Educação Infantil brasileira configura-se como território ocupado, predominantemente, por mulheres, legado de um processo histórico de feminização do magistério. Desse modo, a presença de homens como educadores infantis pode ser compreendida como fenômeno que causa estranhamentos, rupturas e ressignificações nas relações de gênero. Podemos problematizar a escola como lugar de normatização social no qual modelos de masculinidade e feminilidade também são produzidos e reproduzidos, perpetuando contingências nas quais o que é da ordem do infantil permanece como prerrogativa das mulheres. Considerando o exposto, este trabalho objetiva apresentar articulações entre cuidar e educar a partir da experiência intersubjetiva de educadores homens inseridos na Educação Infantil. Para tal finalidade, apresentar-se-á uma revisão de literatura sobre as especificidades, potencialidades e contribuições da atuação masculina neste âmbito educacional. Utilizou-se como embasamento teórico a abordagem Psicossocial e a Psicanálise winnicottiana. Os resultados apontam preconceitos e estereótipos atuando como entraves à inserção e permanência de homens em ambientes de Educação Infantil, relacionados, principalmente, às dificuldades de familiares, educadoras e gestoras de lidar com os educadores homens, percebidos através de uma masculinidade desviante e contra-hegemônica. Há também desafios para estes educadores ao se adequar às políticas de contato físico com as crianças e lidar com vigilâncias e suspeitas constantes, algo associado a representações dos homens como agressores e abusadores em potencial. Em contrapartida, a literatura ressalta algumas vantagens relacionadas à presença dos educadores homens, como: benefícios à socialização, auxílio no controle da agressividade das crianças, referências positivas de paternidade e masculinidade, desconstrução de estereótipos de gênero e construção de práticas de cuidado pelos homens. Neste íterim, espera-se, sobretudo, ampliar articulações entre Psicanálise e relações de gênero na Educação, além de explorar sob diferentes ângulos a experiência de homens que, em sua atuação profissional, mobilizam novas dinâmicas interpessoais e novos olhares para os ambientes de Educação Infantil.

Palavras-chave: Educadores homens, Educação infantil, Docência, Gênero.

¹Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário CESMAC – MACEIÓ/AL, andreaetargino@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário CESMAC – MACEIÓ/AL, asofia577@gmail.com;

³Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário CESMAC – MACEIÓ/AL, anna_farias2015@hotmail.com;

⁴ Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – SÃO PAULO/SP. Professora Titular do Curso de Psicologia do Centro Universitário CESMAC – MACEIÓ/AL, carinevmendes@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca apresentar um recorte do trabalho intitulado “*Articulações entre cuidar e educar: a experiência intersubjetiva de educações homens em ambientes de educação infantil*”, projeto ainda em desenvolvimento, aprovado pelo Programa Semente de Iniciação Científica (PSIC), com vigência 2022/2023, com bolsa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL). O projeto vem sendo realizado por uma equipe de graduandas do Centro Universitário CESMAC, do curso de PSICOLOGIA, sob a orientação de Carine Valéria Mendes dos Santos, doutora em Psicologia e professora titular no referido centro.

O presente trabalho, “*Educadores homens na educação infantil: impasses, avanços e desafios*”, trata-se de uma revisão narrativa dos artigos encontrados que se referem à temática abordada, visando: contextualizar as especificidades da experiência profissional de educadores homens em ambientes de educação infantil; articular o binômio cuidar e educar no âmbito da educação primária; refletir as desigualdades de gênero na Educação Infantil; e, apresentar avanços e retrocessos sobre o entendimento da participação masculina nesses ambientes. Desse modo, objetiva-se contribuir acadêmica e socialmente com uma produção que possibilite ampliar o entendimento das relações de gênero na Educação, impulsionando novos olhares para a exploração da experiência de homens inseridos nesse contexto, ampliando o debate sobre um tema escasso na literatura acadêmica brasileira.

REFERENCIAL TEÓRICO

Diante do tema proposto e corroborando a relevância sobre sua discussão e ampliação, autores alagoanos expõem:

A presença de homens na Educação Infantil é um tema ainda pouco discutido na academia brasileira, embora ultimamente o debate tenha ampliado. As principais reflexões provocadas nas produções acadêmicas são geralmente sobre os impactos que a presença masculina causa quando um homem assume o cargo de professor ou auxiliar de bebês e crianças (HADDAD; MARQUES; AMORIM, 2020, p.414).

Nesse ponto, é importante compreender que a escola passa por mudanças em suas bases e características ao longo dos anos, surgindo inicialmente no Brasil e no mundo como uma instituição exclusivamente masculina e somente no século XIX passa a se admitir o ingresso

feminino, até se tornar como é hoje, um território ocupado, predominantemente, por mulheres e marcado pelo processo de feminização do magistério (FERREIRA; OLIVEIRA, 2016).

Os argumentos que gravitam em torno desse processo dizem respeito a alguns fatores como às baixas remunerações, deixando de ser atrativo para os homens, posto que socialmente ainda são considerados os responsáveis pelo sustento da família, além do caráter assistencialista que se atribuiu à educação nas séries iniciais, apelando-se à feminilidade e ao cuidado maternal (GONÇALVES; FARIA; REIS, 2016).

Por conseguinte, Ferreira e Oliveira (2016, p.98) assinalam que “o processo de feminização do magistério tomou emprestado os atributos tradicionalmente associados às mulheres para justificá-la enquanto uma profissão permitida e conveniente”. Assim sendo, conforme o entendimento de Louro (1997), a função da professora passou a ser vista como uma extensão da maternidade, coadunando com a inserção das mulheres nesse mercado específico de trabalho.

Não se pode olvidar que existe aqui um afastamento do modelo de educação científica, que busca a construção do intelecto, socialmente atrelada à figura masculina, aproximando a educação infantil do afeto, da disciplina, do cuidado e da higiene, atividades consideradas de baixo esforço intelectual e socialmente atribuídas à figura feminina.

Desse modo, facilmente se conclui que a educação infantil ainda vivencia o processo de feminização já mencionado, pois conforme dito, historicamente a educação de crianças pequenas sempre foi uma função atribuída à mulher e o atual ingresso do homem nesse ambiente é confrontado com estranhamentos e tensões diante da comunidade escolar, desdobrando-se entre impasses, desafios, mas também trazendo avanços em torno do educador homem inserido na docência infantil, conforme disposto nos resultados desse trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de educadores homens que vêm se inserido no âmbito da educação infantil reflete conflitos em face dos preconceitos e estereótipos, sofrendo pressões por exercerem uma profissão culturalmente atribuída à mulher. Estes homens têm lidado com suspeitas e desconfianças por parte da comunidade escolar, sendo vistos sob a ótica de uma masculinidade desviante e abusadora em potencial, sofrendo pressões para deixar a sala de aula e se alocarem em funções administrativas, frequentemente precisando se dividir entre dois

ou mais empregos e tendo também em muitas ocasiões questionada a própria masculinidade (CARVALHO, 1998; FERREIRA; OLIVEIRA, 2016; GONÇALVES; CARVALHO, 2020).

O binômio cuidar/educar é específico e indissociável da educação infantil, entretanto, os cuidados físicos são realizados por auxiliares do sexo feminino mesmo em instituições onde o chefe de sala é um educador do sexo masculino. Além das representações sociais que influenciam essa prática, os professores, mesmo após conseguirem atestar suas habilidades e conquistar o espaço pedagógico, demonstram resistência ao cuidado em face da desconfiança e receio de serem acusados de pedofilia. Destaque-se que tal resistência também é forte por parte dos pais e anuída por toda comunidade escolar (CRUICKSHANK, 2019; GONÇALVES; FARIA; REIS, 2016).

A despeito dos impasses, a literatura e as pesquisas reconhecem vantagens na presença masculina no contexto da educação infantil, o que representa avanços na desconstrução de estereótipos de gênero, bem como na construção prática de cuidados pelo homem, compreendendo uma masculinidade que também é afetuosa e cuidadosa, além de relatar benefícios no que tange à socialização, auxílio no controle da agressividade entre as crianças e no que diz respeito a referências positivas de paternidade e masculinidade (RAMOS, 2011; GONÇALVES; FARIA; REIS, 2016).

A comunidade escolar corrobora essa ideia de que a figura do professor homem é mais eficaz na disciplina e no controle das crianças, que sua presença impõe uma barreira maior à agressividade, principalmente diante dos alunos também do sexo masculino. Acima disso, não se pode esquecer que é no contexto da escola que tem acontecido a socialização dessas crianças pequenas e que entrar em contato com adultos de ambos os sexos é importante na construção de suas referências, sendo, de toda forma, relevante a presença masculina no âmbito da educação infantil no que diz respeito também ao seu desenvolvimento emocional (RAMOS, 2011; GONÇALVES; CARVALHO, 2020).

Nesse mesmo sentido, embora constatem-se lacunas na literatura que articule Psicanálise, relações de gênero e ambiente escolar, existem aspectos na psicanálise winnicottiana, quando trata do conceito de ambiente, que não podem ser desconsiderados e que são válidos para compreender a contribuição do homem/referência masculina na geração de um ambiente suficientemente bom⁵, uma vez que discorrendo sobre desenvolvimento

⁵ Para Winnicott, psicanalista inglês, o ambiente suficientemente bom é aquele constituído pelos cuidadores primários implicados no desenvolvimento inicial da criança e que é responsável por prover a adequada sustentação física e psíquica necessária à saúde maturacional e emocional infantil.

emocional, Winnicott também destaca a importância do pai nesse processo de amadurecimento (WINNICOTT, 1983).

Importante ressaltar que a partir das ressignificações nos papéis e funções de gênero relacionadas aos cuidados infantis, muito se tem discutido sobre os novos lugares do pai, o que abre caminho para também refletir sobre novas masculinidades cuidadoras, a exemplo do educador infantil. Então, ampliando esse debate, é também necessário investigar as implicações e contribuições dos homens à provisão ambiental oferecida à criança na Educação Infantil.

Ainda assim, os docentes homens precisam lidar com os desafios inerentes ao estranhamento, provarem seu profissionalismo antes de conquistarem a confiança e confrontarem-se com a frequente vigilância e suspeitas de pedofilia. Sobre estes aspectos é necessário ressaltar que a fantasia do homem abusador e pedófilo se baseia tanto em preconceitos como em fatos relacionados aos altos índices de violência sexual praticados contra crianças em nosso país. Contudo, não se pode deixar de mencionar que são crimes que podem acontecer em qualquer local e serem praticados por criminosos de qualquer gênero, não existindo índices que comprovem perigo em potencial advindos da inserção de educadores homens na educação infantil.

Ademais, existe ainda o desafio da falta de políticas de cuidado físico e de recentes projetos de lei⁶ que visam limitar a atuação de professores e cuidadores masculinos, confrontando-se com dois grandes problemas que precisam ser solucionados: o da pedofilia versus o preconceito de gênero. Tal dilema demanda reflexões tanto sobre a proteção das crianças, como ações que não intensifiquem os processos de afastamento e exclusão dos homens da atuação na educação.

Retomando a compreensão sobre os Projetos de Lei supracitados, têm-se o PL nº 1.174/2019, do Estado de São Paulo, com o intuito de conferir a profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil, bem como essa mesma exclusividade para acompanhamento ao banheiro também na Educação Fundamental. Referida peça define como cuidados íntimos o banho, a troca de fraldas e roupas e o já citado auxílio para usar o banheiro. Além dessas providências, remaneja os profissionais do sexo masculino que estejam ocupando função de cuidado para outras atividades. Importante dizer que esse

⁶ Projeto de Lei nº 1.174/2019. **Sp.gov.br**, 2019. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000292074>>. Acesso em: 6 out. 2022. Projeto de Lei nº 214/2021. ALES DIGITAL | ASSEMBLEIA LEGISLATIVA - ES. **Es.gov.br**, 2021. Disponível em: <<http://www3.al.es.gov.br/spl/processo.aspx?id=108034&temas=18>>. Acesso em: 6 out. 2022.

Projeto surgiu em função do ingresso de homens em instituições infantis, mediante concurso público, no município de Araçatuba/SP⁷, com a função de cuidadores, gerando incômodo para uma mãe que solicitou posicionamento da Assembleia Legislativa. Esta, por sua vez, logo constatou que a insatisfação não era pontual, mas difusa a várias outras mães e famílias dentre a população local⁸.

Assim, é necessário problematizar a expectativa de lei, pautada na proteção à criança que ainda é vulnerável e sem condições de defesa caso algo lhe ocorra, mas também a reflexão sobre a defesa dos profissionais do sexo masculino que podem ser vítimas de más interpretações ou falsas acusações diante de circunstâncias que possam gerar dúvidas acerca de atos por eles praticados. Seguindo nessa esteira de argumentações, menciona-se o célebre Caso da Escola Base (1994)⁹, onde profissionais da educação tiveram suas vidas arruinadas em face de falsas acusações de pedofilia e, mesmo após a absolvição, os estragos financeiros, à imagem, emocionais e à carreira já eram irreparáveis.

Em contrapartida, algumas autoridades municipais de Araçatuba compreendem o referido Projeto de Lei de discriminatório tanto para o homem quanto para mulher, apontando-o como retrocesso no sentido de que potencializa as desconfianças em relação ao homem e, por outro lado, reduz a mulher à “profissional do cuidado”, segundo justificativa que segue no bojo da peça, cuja última movimentação se deu em 08 de agosto de 2022, seguindo, até a data da consulta¹⁰ com pareceres favoráveis por parte dos demais deputados que compõem o parlamento estadual paulista.

No mesmo sentido e com redação semelhante, o Projeto de Lei nº 214/2021 do Estado do Espírito Santo tem os mesmos objetivos e ainda acrescenta multa pecuniária para a instituição de ensino que desatender aos reclames legais. O instrumento se respalda em pesquisa

⁷ Lei Complementar 260/2017 de Araçatuba SP, cria cargo de agente escolar, com funções amplas, incluindo cuidados íntimos com os alunos. **Leismunicipais.com.br**, 2017. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/a/aracatuba/lei-complementar/2017/26/260/lei-complementar-n-260-2017-cria-o-cargo-de-agente-escolar-no-quadro-de-pessoal-da-prefeitura-municipal-de-aracatuba-instituido-pela-lei-complementar-n-87-01-altera-e-acrescenta-dispositivos-a-lei-complementar-n-204-09>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

⁸ DE, A. Mães protestam contra homens dando banho em bebês em creches – Hoje mais de Araçatuba SP. **Hojemais.com.br**, 2017. Disponível em: <<https://www.hojemais.com.br/aracatuba/noticia/politica/maes-protestam-contras-homens-dando-banho-em-bebes-em-creches>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

⁹ BUONO, V. Caso Escola Base: a mentira que abalou o Brasil em 1994. **Aventuras na História**, 11 jun. 2020. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-o-que-foi-o-caso-escola-base-fake-news.phtml>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

¹⁰ Consulta realizada em 02 de novembro de 2022.



do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mediante dados de 2011 do Sistema de Informações de Agravo de Notificação do Ministério da Saúde (Sinan), que demonstram a ocorrência e reincidência de estupro de menores, totalizando 70% das vítimas desse crime. Confrontando ainda com dados da Secretaria de Segurança Pública e da Secretaria de Educação de São Paulo que apontam que 90% dos autores desse crime são homens, entretanto não demonstra índices que assinalem tal prática hedionda advinda de educadores homens no âmbito escolar. Nesse ínterim, a justificativa desse projeto de lei segue com redação similar ao primeiro aqui já mencionado, deduzindo-se a influência de um sobre o outro e que facilmente poderão reverberar nas demais Assembleias Legislativas dos Estados da Federação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do exposto, vislumbra-se a proteção da criança e dos profissionais, inclusive dirimindo desigualdades e preconceitos de gênero, faz-se mister enfatizar algumas questões como, por exemplo, a importância das políticas que regulamentem o contato físico e que devem ser claramente estabelecidas com o intuito de orientar os professores no trato e cuidado com as crianças, gerando protocolos de segurança que incluam todos os educadores independente de gênero.

A ênfase na dimensão intelectual do trabalho docente, fortaleceria a concepção profissional no que tange à educação infantil de forma mais inclusiva, a despeito da atual concepção doméstica/maternal? Como seria possível facilitar a aceitação masculina nesse ambiente escolar e fomentar a aproximação dos professores homens ao magistério? São algumas questões que permanecem em aberto e sobre as quais pesquisadores e educadores tem se debruçado em âmbito nacional e internacional.

Diante disso, não se pode esquecer que para os homens, ingressar e permanecer no ensino infantil esbarra ainda na questão da baixa remuneração e das representações sociais que reafirmam este território como um espaço feminino, afastando, assim, muitos homens desse ambiente (FINCO, 2015). Logo, a valorização da categoria que repercute na remuneração é indispensável para o ingresso e manutenção dos homens no ambiente escolar, pois muitos ingressam na educação infantil mediante aprovação em concurso público, tomando posse de acordo com a demanda, sem manifesto interesse prévio na área. Alguns se adaptam e permanecem, porém existe um contingente que enxerga a função como algo temporário, fazendo planos de evadir-se do ensino primário sob o argumento das questões financeiras ou de

nutrirem outro projeto de vida, bem como em face das pressões e tensões enfrentadas dentro de um ambiente culturalmente feminino.

Por fim, é preciso compreender que as significações da figura masculina e feminina dentro do ambiente familiar repercutem no ambiente escolar e que é difícil para a família, para a sociedade, inclusive para a comunidade que compõe as instituições da educação básica, compreenderem uma criança cuidada por um homem no contexto escolar quando nem mesmo o pai dessa criança é responsável pelos cuidados com ela.

Em face do exposto, a ampliação e articulação dos conceitos da psicanálise winnicotiana se faz necessária, pois possibilita ressignificar as funções atribuídas aos gêneros no que tange ao cuidado infantil, aprofundando reflexões sobre uma masculinidade que também se posiciona para o acolhimento, afeto e cuidado. As ampliações derivadas de novos posicionamentos paternos no desenvolvimento infantil reverberam também em novas reflexões sobre a importância de outras referências masculinas de cuidado como, por exemplo, o educador infantil. Pode-se, portanto, investigar e tentar compreender a importância desses educadores na composição de um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento de crianças na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Revista Estudos Feministas**, v.6, n.2, p.1-17, 1998.

CRUICKSHANK, Vaughan. Male primary teachers' fear and uncertainty surrounding physical contact. **Education** **3-13**, 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03004279.2018.1434221>>. Acesso em: 6 out. 2022.

FERREIRA, Eliana Maria; OLIVEIRA, Timóteo Neres de. “Fora do lugar ou um lugar novo”: a presença masculina na educação infantil. **Horizontes – Revista de Educação**, MS, v. 4, n.7, p.89-108, jan./jun. 2016.

FINCO, Daniela. Igualdad de género en las instituciones educativas de la primera infancia brasileña. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez e Juventud**, v.13, n.1, p.85-96, 2015.



GONÇALVES, J. P.; FARIA, A. H.; REIS, M. G. F. A. Olhares de professores homens de educação infantil: conquistas e preconceitos. **Pespectiva**, Florianópolis, v.34, n.3, p.988-1014, set./dez. 2016.

GONÇALVES, Josiane Peres; CARVALHO, Patrícia da Silva. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, e807997764, 2020 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7764>.

HADDAD, L.; MARQUES, C. D. S.; AMORIM, L. H. Da S. “Eu acho estranho!” Compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil. **Zero-a-Seis**, 1 set. 2020. v. 22, n. 42, p. 409–436. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/76126>>. Acesso em: 10 out. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

RAMOS, J. Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – MG. 2011. 139 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_RamosJ_1.pdf>. Acesso em: 09 jul 2022.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983.